

RESENHA*

Ana Venite Fuzatto de Oliveira

VILÀ, Francesc. “Suplência”, in *Scilicet: Semblantes e sinthoma*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2009, pp.352-354.

Nesse curto texto, o autor aborda algumas reflexões sobre a orientação lacaniana, em especial diante de um corpo ameaçado de liquefação. Da teoria à clínica: uma escuta atenta, a busca pelo singular do indivíduo e a invenção de um nome capaz de oferecer um lugar para o sujeito. Destaca como um semblante instaurado no trabalho de análise possibilitou a suplência ao que se mostrava desconexo, estabelecendo um contorno para o gozo.

O autor começa por um breve percurso no ensino de Lacan. Do último ensino, as suplências diante da ameaça de liquefação do corpo. A partir dos *Seminários 10 e 11*, a passagem do singular para a pluralização dos Nomes-do-Pai e o primado do Outro barrado. Com o *Seminário 20*, o que do gozo funciona sem o Outro. Ainda sobre essa modalidade e lembrando Miller – em seus seis paradigmas do gozo -, destaca a inversão de perspectiva de Lacan com *lalíngua*, citando algumas evidências clínicas dessa modalidade de gozo.

Em seguida, algumas pontuações: no nível do corpo, a prevalência do gozo; a não-relação com o Outro – antes, uma disjunção entre RSI; não há relação entre gozo e fala nem entre homens e mulheres - tese essa com pertinência para a “clínica do individualismo de massa, tão espetacular quanto desconectado do laço social.”

Diz, ainda, que os semblantes, conectores entre simbólico e real, “figuram a inscrição do ‘em-corpo’” e que, tal como o sintoma - que “faz parte da estrutura a partir do vazio que ele produz” – fazem suplência às não-relações. Destaca depois que a ação lacaniana orienta-se em três eixos: “o interesse pela modernidade, a recusa da uniformidade e o valor do singular”, o que se constitui um desafio para a nossa época, da generalização do sem-sentido.

Assim, essa orientação

abre-se para a existência de um corpo vivo: mediante “a interpretação em *réson*”, que evoca o deslocamento metonímico do mais-de-gozar; por meio da invenção de um semblante nomeando de maneira justa as manifestações do vivo mediante um bom uso do *entranchment*, (...); e por meio do equívoco difratando os significantes mestres em dissonâncias múltiplas.

Em seguida, com o subtítulo *O artifício de uma suplência*, o autor apresenta um relato de caso de Esthela Solano-Suarez. Trata-se um homem “aniquilado”, tomado pela angústia após ser promovido ao posto de diretor de uma loja de joias de luxo. Em seu trabalho de análise, apresenta-se a hipótese de que isso seria algo que “vem de longe” e que haveria um laço com a morte da mãe, anos antes.

Em sua história, as raízes familiares comprometidas pela deportação nazista. Ainda, um abandono, pelo pai, em um orfanato dirigido por mulheres, onde sofre maus-tratos e punições. Marcado pela orfandade, carece de uma fala capaz de lhe dar um semblante de ser a criança querida. Disso, aparece um “gozo indizível, correlativo ao furo que faz a ex-sistência do real excluído do sentido”.

Mais tarde, ao ser ‘salvo do orfanato’ por uma irmã - solteira, prostituta, bem mais velha, cujo único filho, ‘filho da vergonha’, morrera – pôde encobrir o furo vital, tornando-se “muito querido” (*très cher*) por ela.

Quando adulto, passa também a vender o próprio corpo, “muito caro” (*très cher*), para homens ricos. Surge o emprego numa loja de jóias e ali se destaca como vendedor. O dinheiro “ocupa para ele o lugar da função fálica” - “a troca do gozo por dinheiro”. “Realizando-se como ‘transação monetária’, essa versão da relação sexual funciona como uma suplência que enoda os três registros” e que se sustenta via identificação com a irmã, no lugar de “A mulher de *todos os homens*”. Com essa “pai-versão” (*père-version*), ele inventa um uso do corpo sexuado”. Porém, ao ser nomeado diretor, exclui-se do contato com os clientes, o que leva a fracassar o artifício com o qual se defendia do real.

Conclui o autor lembrando um detalhe: “o laço transferencial que lhe sustentou o trabalho enlaçou-se no equívoco propiciado pelo significante *argent-ine*.” – *Argentina*, país e nacionalidade da analista; *argent* = dinheiro.

* Texto apresentado na 3ª Reunião da SEÇÃO EPISTÊMICA da CLIPP, 06.11.2010